

Por Caroline Martin
Especial para *O Papel*



DIVULGAÇÃO/ARACRUZ

VISIONÁRIO, ERLING SVEN LORENTZEN APOSTOU NO POTENCIAL DO EUCALIPTO AO TOMAR A FRENTE DO PROJETO QUE CRIOU A MAIOR FÁBRICA DE CELULOSE EM LINHA ÚNICA DA DÉCADA DE 1970

Prestes a completar 50 anos de atuação no setor de celulose e papel, a ABTCP faz um balanço da trajetória desta indústria, que tanto se desenvolveu ao longo dos últimos anos. Ao traçar um retrospecto e avaliar os marcos mais especiais desta história, um nome se destaca: Erling Sven Lorentzen. Sobram motivos para o fundador da Aracruz Celulose, cujo startup aconteceu em 1978, ser o homenageado do 48.º Congresso Internacional de Celulose e Papel, realizado entre 6 e 8 de outubro no Transamerica Expo Center.

O norueguês chegou ao Brasil logo após seu casamento, em 1953, quando começou a ajudar o pai a lidar com agentes de navegação que o representavam na América Latina. Já estabelecido por aqui, comprou da americana Esso uma distribuidora de gás de cozinha e, em seguida, abriu sua própria companhia de navegação, a Norsul. A experiência com transporte hidroviário abriu portas para outros negócios, entre os quais a Aracruz.

A jornada que levou à construção da maior fábrica de celulose em linha única da época não foi simples. Além de a cultura do eucalipto ainda não ser bem difundida no Brasil, a ausência de infraestrutura adequada no Espírito Santo, Estado que veio a sediar a empresa, despontava como mais um gargalo a ser solucionado. Convicto de que a indústria de base florestal tinha tudo para deslanchar no Brasil, Lorentzen superou todos os desafios. Hoje, é tido como referência não apenas pelo caráter empreendedor, mas também pelo comprometimento com o desenvolvimento sustentável. Após 40 anos à frente da Aracruz (hoje Fibria), aposentou-se do Conselho de Administração em 2004, foi um dos fundadores do Business Council for Sustainable Development (BCSD) e membro do Comitê Executivo do World Business Council for Sustainable Development (WBCSD) entre 1995 e 2004. Em 1997, foi nomeado presidente de honra do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS) e, desde 1996, é membro do conselho da Conservation International do Brasil.

Na Entrevista a seguir, ele lembra fatos que formaram a história bem-sucedida da Aracruz e revela detalhes do projeto que atualmente desenvolve em Gana, na África.

Convicto de que a indústria de base florestal tinha tudo para deslanchar no Brasil, Lorentzen superou todos os desafios envolvidos no projeto de criação da Aracruz Celulose

O Papel – Quais motivos levaram o senhor a tomar a decisão de investir na construção de uma empresa de base florestal no Brasil? Quais aspectos se destacavam como promissores e contribuíram para a tomada dessa decisão?

Erling Sven Lorentzen – O Dr. Eliezer Batista, então presidente da Vale do Rio Doce, me contactou para falar sobre transporte de madeira para o Japão. A partir dessa conversa inicial, cuja ideia era transportar minério e madeira combinados nos mesmos navios, cheguei à conclusão de que não seria a conduta ideal por inúmeras razões, mas principalmente porque a madeira não podia sofrer contaminação da poeira de minério. Então, eu disse a ele e a outros profissionais envolvidos no projeto que considerava ter chegado o momento certo para fazer uma fábrica de celulose de escala no Brasil. Argumentei que não via razão para deixar de investir na produção de madeira suficiente para a construção de uma fábrica desse tipo, uma vez que havia condições para criar grandes áreas de plantio de eucalipto, inclusive com vantagens fiscais para plantações de florestas. Com o plano de incentivo ao plantio, vi que a plantação de florestas na escala necessária seria possível e acreditei na viabilidade da construção de uma fábrica de celulose. Ao estudar e me aprofundar nessa possibilidade, concluí que seria necessário construir a maior escala de fábrica possível para incrementar o retorno do investimento. Chegamos assim a uma unidade com capacidade produtiva de 400 mil toneladas por ano, que veio a se destacar como a maior fábrica em linha única da época.

O Papel – Quais são as lembranças pessoais mais marcantes que o senhor tem a respeito desse período anterior ao startup da Aracruz?

Lorentzen – Obviamente na época houve muitas dúvidas sobre a viabilidade de construção de uma fábrica de celulose dessa envergadura. Anos depois eu ouvi do próprio presidente Geisel sobre quantas vezes foi discutido no governo “se deveriam apoiar esse louco norueguês que estava insistindo em fazer uma fábrica de celulose no Espírito Santo”. Eu insisti por estar convencido de que ia ser um projeto de grande valor para o Brasil, tanto para geração de empregos

quanto para competitividade na exportação, entre outros aspectos. Eu estava firmemente convencido.

O Papel – Além da descrença inicial diante de uma ideia pioneira, quais foram os principais desafios superados nessa fase de introdução da cultura do eucalipto no País?

Lorentzen – O principal desafio era o financiamento. Tive muito contato com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), mas Marcos Vianna, então presidente da instituição, me recomendou procurar o máximo possível de financiamento internacional. Como resultado desse conselho, passei a viajar para visitar todos os potenciais financiadores, passando por Estados Unidos, Europa e países árabes. Fiz contato, por exemplo, com o World Bank e a International Finance Corporation (IFC), cuja resposta tinha 16 razões e perguntas que levantavam dúvidas sobre a viabilidade da construção da fábrica. Num certo momento, então, Vianna disse que o BNDES financiaria o projeto, fazendo o maior aporte oferecido pelo banco até o momento, de US\$ 600 milhões. Os recursos utilizados foram principalmente esses, aliados a incentivos fiscais e um aporte da Souza Cruz, que por iniciativa própria entrou no projeto com US\$ 40 milhões.

O Papel – Em termos de desafios técnicos, quais foram os de maior impacto ao longo dessa trajetória?

Lorentzen – A escolha da companhia de engenharia finlandesa Jaakko Pöyry foi decisiva, assim como a colaboração comercial da Billerud, da Suécia. Eles tinham experiência com celulose de fibra curta de eucalipto, até porque a usavam em seus produtos. Negociamos então uma combinação de serviços comerciais da Billerud e um *take* direto de 20% de capacidade futura da fábrica. Houve dúvidas sobre a utilização de eucalipto para produzir celulose, mas a Billerud já tinha feito uma fábrica em Portugal com bons resultados, e ficamos ainda mais convencidos da viabilidade do projeto com as observações de bom crescimento de eucalipto, que como matéria-prima só podia dar certo. Houve dúvidas ainda sobre a possibilidade de atingir mercados de exportação, mas eu também estava convicto desse potencial, assim como

sobre a capacidade de operar uma fábrica de tal tamanho no Brasil, com base nas boas experiências que eu tivera em outros empreendimentos que iniciei no País. Enfrentamos outras dificuldades, como críticas do Greenpeace, problemas com índios, questionamentos associados ao consumo de água e impactos da monocultura. Utilizamos argumentos verdadeiros para nos defender de todos esses questionamentos e acusações. Consegui muito apoio e lutei para a realização da continuada expansão do projeto. Ao longo de todo esse processo, tive também a convicção de que o projeto deveria ser totalmente baseado em zero corrupção e alta ética. Além de ser economicamente interessante, mostrei o grande resultado em termos de criação de emprego. Quando o projeto já tinha se expandido, a Fundação Getúlio Vargas fez uma análise e chegou à conclusão de que, em média, 100 mil empregos diretos e indiretos tinham sido criados com o projeto da Aracruz.

O Papel – Fazendo um balanço desse início da indústria de base florestal no Brasil até os dias de hoje, o senhor diria que o desenvolvimento e o fortalecimento do setor de celulose e papel em âmbito mundial se deram da forma como imaginou? A trajetória da indústria de celulose e papel condiz com suas expectativas e visões no início de tudo?

Lorentzen – Não há dúvidas de que a indústria de base florestal no Brasil se mostrou fundamentalmente certa e pode continuar a expandir-se e seguir como uma indústria de grande importância para o Brasil. Não posso dizer que essa expansão e continuação tenham sido como imaginei, porque certamente se desenvolveu além das minhas expectativas, mas sou um homem de muita imaginação e otimismo. Talvez possa dizer que meus sonhos estão sendo realizados.

O Papel – Qual é o atual *status* do projeto que o senhor está encabeçando em Gana? A região reúne diferenciais e apresenta potencial para se fortalecer no setor florestal?

Lorentzen – Quando me aposentei da Aracruz, depois de 40 anos de liderança, disse a mim mesmo que deveria conseguir usar minha experiência para um projeto que gerasse benefícios à África, continente

Porta-vozes do setor reforçam a importância de Lorentzen ao desenvolvimento da indústria nacional de celulose e papel

“Tive a felicidade de conviver e aprender com Erling Lorentzen, por meio de seus exemplos como líder. Lorentzen é – e sempre foi – um homem à frente de seu tempo. Sua enorme capacidade de empreender desde cedo esteve associada a uma imensa preocupação com os conceitos de desenvolvimento sustentável, equilibrando o lado econômico com o social e o ambiental. Não é um homem que discursa, mas um homem orientado pelos valores que realiza. Enfim, é exemplo para um Brasil carente de pessoas desenvolvimentistas, orientadas por valores. Homenageá-lo é homenagear a ética empresarial que desejamos para o nosso País.” **Walter Lídio, CEO da CMPC**

“O Sr. Lorentzen é visionário, pioneiro, empreendedor, incansável e, sobretudo, um homem do futuro. Sustentável, íntegro, transparente e humano, levou o nome da Aracruz/Fibria para o mundo. Fez muito pelo setor de celulose do Brasil, introduzindo o eucalipto em larga escala no mercado mundial, cuidando do social, do meio ambiente, da tecnologia e, acima de tudo, do crescimento das pessoas e dos negócios. Ele é dessas pessoas que jamais envelhecem em suas ideias e jamais desistem do progresso para todos. Tive a honra e o prazer de conviver e aprender muito com ele. Agradeço ao universo por ter me dado essa oportunidade.” **Carlos Aguiar, membro do Conselho de Administração da Fibria Celulose S.A. e que foi presidente da Fibria e da Aracruz Celulose**

com grandes necessidades. Acabei pesquisando vários países e cheguei à conclusão de que Gana era o mais promissor, tendo em vista as condições políticas e legais – e, mais uma vez, com a condição de absolutamente zero de corrupção. Posso dizer que, ao longo desses seis anos que tenho desenvolvido o projeto, não estou enfrentando nenhum problema com corrupção; pelo contrário, só reúno reações positivas e apoio para a criação de uma termoeletrica de 60 MW cuja matéria-prima será floresta plantada de eucalipto. Tenho esperança de completar o financiamento do projeto no início de 2016. Na primeira fase do projeto, a intenção é criar uma base florestal de 20 mil hectares e gerar cerca de 4 mil empregos. Já há 1.500 pessoas trabalhando, principalmente na área florestal. ■